

CAMPOS, Naiara Dias da Silva<sup>1</sup>. *Romeu e Julieta pelo prisma da crítica*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

Universidade Federal de Uberlândia; Programa de Pós-Graduação em Artes – Concentração Artes Cênicas; Orientador Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes<sup>2</sup>.

### RESUMO:

Este resumo consiste na análise do espetáculo *Romeu e Julieta* do Grupo Galpão através do olhar da crítica. O Grupo Galpão se legitimou no cenário teatral brasileiro no início dos anos 90 quando junto a Gabriel Vilela realizou a montagem desta tão conhecida peça de Shakespeare. Entretanto o que é peculiar à montagem são as escolhas feitas pelo grupo acerca do universo da obra trágica, o não enrijecimento do texto e os elementos genuinamente brasileiros. A montagem possui uma linguagem “tupiniquim” e não escolhas habitualmente inglesas, de um estado desconhecido por nós. O grupo faz uma repatriação da peça e de todo o universo shakespeariano. Os elementos da cena são, portanto, “nossos” e utiliza-se diaspóricamente para encontro de uma nova identidade desta história, que é nossa, e de todos. A contemporaneidade está em nós, e somos nós mesmos que ditamos a Shakespeare esta mesma contemporaneidade. Sendo assim, coloca-se como pungente a repatriação de algo que fala à alma. Como é feito pelo Grupo em sua montagem, discorrer acerca da prática teatral do ponto de vista da crítica não é um método usual dentro da academia, o que propomos em nossa pesquisa é exatamente voltar o olhar para a crítica como uma das responsáveis pela repercussão deste espetáculo.

**Palavras-Chave:** Teatro: Crítica Teatral: Grupo Galpão: William Shakespeare: Romeu e Julieta.

### ABSTRACT:

This abstract is the analysis of the play *Romeo and Juliet* played by Grupo Galpão through the critics' eyes. The Grupo Galpão legitimated itself in the Brazilian theater scene in the early nineties when, along with Gabriel Vilela, held the theatrical production of this well-known Shakespeare play. However, what are peculiar to this theatrical production are the choices made by the troupe about the universe of the tragic work, the non-rigidity of the text and the Brazilian characteristic elements. The theatrical production has a “tupiniquim” language and not usual English choices, of an unknown state by us. The troupe makes a repatriation of the play and of all Shakespearean universe. The scene elements are, therefore, “ours” and used to meet a new identity to this story, which is ours, and of all. The contemporary world is in us, and we ourselves who dictate to Shakespeare this contemporaneity. So, stands as poignant the repatriation of something that speaks to the soul. As is done by the troupe in its theatrical production, to discourse about the theatre practice, from the standpoint of criticism, it is not a usual method within the academy, what we propose in our research is to look again at exactly the criticism as one of the responsible for this effect show.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Linha de Pesquisa Fundamentos e Reflexões em Artes, e-mail: [naiara\\_diascampos@hotmail.com](mailto:naiara_diascampos@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Linha de Pesquisa Fundamentos e Reflexões em Artes, e-mail: [lharantes@yahoo.com.br](mailto:lharantes@yahoo.com.br)

**Key-words:** Theatre: Theatre Criticism: Grupo Galpão: William Shakespeare: Romeo and Juliet.

### **Romeu e Julieta pelo prisma da crítica**

Da tão diversa bibliografia que compõe os estudos acerca da vida e obra de William Shakespeare (BRYSON, 2007; HOLDEN, 2003; KOTT, 2003; BLOOM, 2000; BOQUET, 1989; HELIODORA, 1978), nos focaremos em um de seus trabalhos mais conhecidos e popularizados no mundo: *Romeu e Julieta*, escrita entre os anos 1591 e 1595. Inserida na periodização shakespeariana, a obra é enquadrada no “período trágico”, que compreende os anos 1600 a 1608. Sua obra é tida como a de um autor que aborda os questionamentos humanos, sendo que muitos críticos reconhecem nas tragédias de Shakespeare o grau máximo de sua arte.

Em *Romeu e Julieta*, Shakespeare, trata do sentimento voraz e febril, e de questões políticas como a guerra entre famílias. Todavia, a dramatização trágica desta obra, induzida ao ponto de minorizar os diversos elementos cômicos ali presentes, deixaram releituras contemporâneas quase inexploradas. Nesta encenação, o Grupo Galpão leva à rua uma das mais tradicionais peças da história do teatro mundial. O cenário é um carro, onde tudo acontece e este se torna o balcão de Julieta, seu quarto e todas as dependências dos Capuletos. A briga de Tebaldo com Mercúcio vem com espadas talhadas em madeira, enquanto a morte do segundo é representada pela retirada do nariz de palhaço. Toda a peça busca trazer a emoção e o lirismo de Shakespeare e Guimarães Rosa, uma obra repleta de cor, movimento e doçura, apesar de se tratar de uma história de amor com fim trágico. Romeu ao alto de sua perna de pau declara insistentemente seu amor à Julieta e ela com toda a delicadeza de uma bailarina, dança ao descer os degraus das escadas. A peça é preenchida com elementos circenses, onde há um misto de brincadeira e tragédia. Sua linguagem popular enche os olhos de quem está tão habituado a ver um Shakespeare nos moldes tradicionais.

Neste sentido, o trabalho realizado pelo Grupo Galpão se torna um importante objeto de análise, posto que o grupo mineiro representou a peça compreendendo a importância dos elementos trágicos e cômicos, sem relegar a linguagem cômica a segundo plano. Podemos atentar para os escritos de Mikhail Bakhtin (1987), onde o autor por meio da obra de Rabelais analisa os elementos de uma cultura cômica popular. Discutindo as obras cômicas representadas nas praças públicas, Bakhtin observou a polissemia da linguagem carnavalesca para analisar os símbolos e as imagens rabelianas.

Sendo assim, o exame desta montagem permite a discussão e análise das distintas possibilidades que existem em montar um texto clássico. Elegemos a montagem feita pelo grupo mineiro, pela irreverência da linguagem incorporada, a leveza é algo recorrente, o caminho adotado pelo grupo não é um elemento muito explorado em montagens contemporâneas das tragédias shakespearianas. O Grupo Galpão, talvez por sua própria característica histórica enquanto um grupo dedicado ao teatro de rua produziu então uma releitura desta obra, levando este clássico do teatro para às ruas e inserindo em sua concepção elementos dos sertões mineiro e nordestino e da escrita do literato João Guimarães Rosa, consagrado por diversas obras principalmente em sua fase regionalista. Desta forma, a análise das críticas existentes acerca do universo desta montagem será nosso norte neste trabalho.

Portanto, esta proposta de análise é um caminho para rediscutir o lugar da crítica teatral a partir da montagem de *Romeu e Julieta*, realizada pelo Grupo Galpão. Sendo assim, iniciamos um círculo com alguns pontos, tais como: a crítica possui elementos suficientes para eternizar um espetáculo, ou esta é apenas um meio de opiniões rasas? O crítico detém em suas mãos o poder de deliberar o que é ou não memorável? A crítica tem influência direta na repercussão de um espetáculo, levando em questão o fato deste ser eleito como uma das melhores montagens de Shakespeare da história (JOSÉ, 2001), obtendo esta declaração de um dos diretores do Globe Theatre em Londres? Em outras palavras, qual o papel da crítica na consolidação/reconhecimento de uma montagem teatral? Qual o alcance da crítica na recepção dos espectadores? Ela possui capacidade de deslocamento do olhar deste, ou apenas é recebida como opinião singular do crítico por este mesmo espectador?

Esta apropriação inserida na montagem galponeana, faz com que diversos críticos voltassem sua escrita para a montagem, segundo Nelson Sá em crítica publicada na *Folha de São Paulo* do ano de 1992:

E foi tudo, por assim dizer, uma brincadeira de rua. Os atores não paravam de fazer jogos e gozações, as músicas pareciam coisas de criança, os figurinos eram daquelas peças de garagem. Daí a choradeira da platéia (SÁ, 1992 apud *Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro*).

Bárbara Heliodora, em crítica intitulada “A perfeição da infidelidade” para o jornal *O Globo* de 1993, afirma que Shakespeare “compreenderia muito bem o intuito desta [encenação] e gostaria de se sentir tão querido e tratado com tamanha intimidade” (HELIODORA, 1993 apud *Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro*).

A análise de Heliodora resume a ideia geral de infidelidade existente no processo desta montagem, quando a autora em sua crítica elenca os diversos elementos presentes na representação galponiana, como um espetáculo que não se pauta pelos lugares comuns existentes em Shakespeare. Segundo a autora, a “perfeição da infidelidade” acontece quando “mesmo ao adaptar a obra às necessidades do grupo, o novo texto foi definitivamente fiel às intenções de Shakespeare” (HELIODORA, 2014). A infidelidade aqui é posta como uma não literalização de Shakespeare, neste sentido o grupo reescreveria a história do tão aclamado autor e a ressignificaria. Por este motivo, defino a “infidelidade” existente na adaptação galponiana, como elemento de análise da crítica teatral da peça em comento.

Destarte a questão dos saberes em teatro e o seu uso enquanto meio de alcance e aprendizado para o grande público, e a análise e classificação das representações teatrais no século XX evidencia-se um importante elemento analítico do fazer teatral contemporâneo, pela perspectiva da crítica, uma vez que esta pode possibilitar o rompimento com as fronteiras no que diz respeito ao universo teatral.

Esta pesquisa percebe a possibilidade e a necessidade de um novo olhar voltado à crítica, uma vez que esta é um dos rudimentos que permite a propagação e reflexão de um espetáculo. Embora não exclua os demais elementos responsáveis pelo alcance da montagem em territórios múltiplos, percebo a possibilidade existente da contribuição dos críticos nesta mesma ampliação de olhares.

Ao destacar os diversos caminhos que a memória percorre (BORGES, 1979), conduzimo-nos também através de outro elemento de análise, que poderá ocorrer por meio do levantamento de críticas teatrais, uma vez que pautamos igualmente o olhar em direção à influência da crítica como responsável pelo amplo alcance e diversificação obtidos pela montagem.

Quando o crítico levanta em sua publicação apontamentos objetivos e subjetivos em relação à montagem galponiana, ele provoca naquele que lê sua crítica, um estágio reflexivo, levando o leitor a se indagar acerca de sua escrita e das informações e impressões ali prensadas, assim logo surgem perguntas: esta autora exagera, ou este espetáculo é realmente tão impactante? Ela está sendo imparcial ou sua parcialidade impera com força maior em sua escrita? A crítica então move o leitor, assim como toda literatura desloca o interlocutor, desta maneira o leitor passa a ser instigado a comprovar o que leu e construir novas impressões do espetáculo confirmando ou refutando aquilo que lhe foi passado pela crítica escrita.

Posto isto, notamos este trabalho analítico da crítica e uma obra artística como estimulador intelectual ativo, uma vez que, ao escrever suas impressões a partir daquilo que o escritor possui como conhecimento prévio, ele não só provoca o leitor como também compartilha esta experiência que antes era apenas dele, essa forma de disseminar conhecimento é extremamente fundamental na construção de um público, como também um norte para aqueles que são os agentes ativos da análise em questão, os atores e encenadores. Este é o ponto onde pretendemos nos entranhar ao longo de toda pesquisa, esta crítica é apenas informativa, ou realmente é um elemento de movência do indivíduo que entra em contato com ela, e ela é capaz de assim provocar e estimular uma repercussão e reflexão acerca da peça analisada? São perguntas com alguns encaminhamentos, mas sem respostas fixas, já que cada crítica também passa a depender do seu crítico, de como ele vê, analisa e faz seus levantamentos para então somente depois redigir o que pensa e sente e assim compartilhar e difundir positiva ou negativamente suas impressões acerca de determinado espetáculo.

Devido à natureza da encenação realizada pelo Grupo Galpão e do tema proposto, torna-se, portanto, oportuna tal abordagem teórico-metodológica interdisciplinar. Perpetraremos pelos elementos críticos, como a crítica realizada por Sá e Heliadora inicialmente, abrangendo assim a compreensão do olhar crítico sobre a obra. Neste sentido atentaremos-nos também a exibição do DVD da peça, gravado no Globe Theatre no ano de 2000, com direção de Paulo José, para exercer um traçado com as críticas analisadas.

De todo modo, temos como resultados parciais a influência direta da crítica na difusão de uma montagem teatral, de maneira que os escritos realizados pelos críticos tanto podem repercutir uma obra como também emudecê-la. Logo, percebemos o papel difusor da crítica na consolidação da montagem galponiana em questão.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o conceito de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnB, 1987.

BLOOM, Harold. **Shakespeare, a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BORGES, Jorge. L. **Prosa completa**. vol. 1. Barcelona: Ed. Bruguera, 1979.

BOQUET, Guy. **Teatro e sociedade: Shakespeare**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BRYSON, Bill. **Shakespeare: o mundo é um palco, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HELIODORA, Bárbara. **A expressão dramática do homem político em Shakespeare**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HELIODORA, Bárbara. "A perfeição da infidelidade". O Globo, Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1993 apud **Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro**. Disponível em <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_Teatro/comum/verbete\\_imp.cfm?cd\\_verbete=603&imp=N](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_Teatro/comum/verbete_imp.cfm?cd_verbete=603&imp=N)>. Acesso em 21/06/2014.

HELIODORA, Bárbara. "Bárbara Heliodora fala dos 450 anos de Shakespeare". **Jornal do Commercio**. Recife, 20 de Abril de 2014. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-cenicas/noticia/2014/04/20/barbara-heliodora-fala-dos-450-anos-de-shakespeare-125499.php>>. Acesso em 21/07/2014.

HOLDEN, Anthony. **Shakespeare**. São Paulo: Ediouro, 2003.

JOSÉ, Paulo. **Romeu e Julieta**. [S.l.]: [S.n], 2001. 81 min.

KOTT, Jan. **Shakespeare nosso contemporâneo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SÁ, Nelson. "Romeu e Julieta", Folha de São Paulo, São Paulo, 15 de Setembro de 1992 apud **Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro**. Disponível em <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_Teatro/comum/verbete\\_imp.cfm?cd\\_verbete=603&imp=N](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_Teatro/comum/verbete_imp.cfm?cd_verbete=603&imp=N)>. Acesso em 21/06/2014.